

Eles já têm uma “teacher”

Fonte: Ana Marson, Revista Metrópole – RAC

Bilinguismo: contato precoce com língua estrangeira torna o aprendizado natural e movimenta habilidades intelectuais da criança

Dia desses, enquanto arrumava seu quarto, a pequena Valentina Urso, de 4 anos, disse para a mãe que iria guardar seu *pillow*.

Num outro dia, Fernanda de Oliveira Soares Taxa Amaro foi surpreendida com uma resposta inusitada do filho de 2 anos. “Quando perguntou a ele se o papai tinha lavado sua cabeça com o xampu de maçã verde, João Pedro vem com a seguinte afirmação: “Não mamãe, foi com o xampu de *apple*”. Curiosas, frases como essas, que combinam palavras das línguas portuguesa e inglesa, podem parecer erradas na avaliação de leigos em educação, mas são um comportamento típico – e perfeitamente normal – de crianças na fase de aquisição de línguas.

Valentina aprendeu o que sabe numa escola de educação bilíngue, nos desenhos que assiste na TV e com o pai, fluente em inglês. “Colocamos a Valentina em escola bilíngue pensando no futuro, porque meu marido quer que ela estude no exterior. Esse contato precoce só tem a acrescentar, porque, nessa fase, as crianças têm uma facilidade gigantesca em assimilar, comenta Larissa Ramos Urso, mãe da garotinha. Ela afirma que a menina aprende naturalmente, de forma fácil. Não é, garante, um aprendizado cansativo.

Na escola frequentada por Valentina e João Pedro, há atividades baseadas no método chamado *total physical response*, em que a criança responde fisicamente a comandos verbais. De acordo com o educador Perry Krassner, o aluno aprende fazendo, por meio de exemplos e imitações, participando ativamente do processo. Assim, analisa, sabendo que terão sua vez de se manifestar, todos ficam atentos o que o outro faz.

Para Érica Moreira Ferreira, coordenadora de outra escola bilíngue em Campinas, uma das maneiras mais eficientes de ensinar idiomas a crianças é pela imersão. São imersos nessa segunda língua que os pequenos compreendem a função social dela, entendimento fundamental para torná-la tão natural, quanto à materna. “Com a imersão, a língua ganha significado por meio da utilização de músicas, livros e jogos em inglês, e motivo, porque todo mundo fala e a criança também tem que falar”, explica. Segundo a coordenadora, o aluno se sentirá natural em responder na primeira ou segunda línguas se compreender que tem espaço para isso.

Érica afirma que há vantagens cognitivas em incentivar o bilinguismo nos pequenos. Quando a criança é estimulada em duas línguas, comenta, tem uma oferta de aprendizado que movimenta mais habilidades intelectuais, entende e absorve informações de forma mais abrangente do que as que tem convívio restrito, já que idiomas ampliam conhecimentos. “Quando as crianças são pequenas, tudo é novo, tudo é aprendido. Quando ficam mais velhas, têm outras coisas para aprender e o inglês é só uma delas. Então, quanto mais cedo, mais tranquilo, mais natural e mais confortável para elas falarem outra língua”, opina.

Mentes abertas ao conhecimento

Muitos pais matriculam seus filhos em escolas bilíngues atraídos pela idéia de que, quanto mais cedo começar, mais fácil será aprender uma segunda língua. Mas, será que é mesmo assim?

Para Elizabete Villibor Flory, que estudou os efeitos do bilinguismo em sua tese de doutorado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), é complicado falar em “mais fácil” ou “mais difícil”, embora haja características diferentes quando um idioma é adquirido na infância ou na

idade adulta. “Penso que a diferença não se trata de uma questão apenas comportamental. A criança pequena está em fase de aquisição de linguagem verbal e isso faz com que, ao ser exposta a uma segunda língua, possa vir a adquiri-la como língua materna. É toda uma abertura que a criança pequena tem para a construção da codificação do mundo por meio de uma linguagem verbal que o adulto não tem da mesma forma”, comenta.

A professora da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) Nair Fobé afirma que, sim, quanto antes, melhor. Até porque, num grupo em que todos falam determinado idioma, aprendê-lo torna-se também questão de sobrevivência, de identificação. “Qualquer ensino incorporado precisa ter atividades lúdicas, porque a criança não aprende pela estrutura, mas sim pelo uso, pelas rimas, pelas músicas. Se ela for exposta a um contexto em que vê, fala e manipula a língua, vai aprender o contexto e o aprendizado deve partir da realidade dela, do mundo que ela conhece”, diz.

Diretor dos ensinos fundamental II e médio de uma escola internacional, onde o inglês é o idioma oficial, Davi Sanches Neto concorda que, quanto antes a criança for exposta a uma segunda língua, mais facilmente a usará no mesmo nível de proficiência da materna. Porém, diz ele, essa proficiência depende também de fatores como habilidade (ou facilidade) com comunicação, personalidade e as atitudes de cada criança, que deve ter seu ritmo respeitado, para não haver prejuízos. Pesam ainda o tempo, frequência e a duração da exposição à segunda língua, o contexto em que isso acontece, condições sociais de aprendizagem, fatores afetivos e valorativos relacionados às línguas e motivação.

Uma das atitudes para facilitar o aprendizado do idioma é fazê-lo extrapolar os limites da sala de aula, levando o aluno a se comunicar em diferentes situações. Na instituição em que Sanches Neto atua, comunicados internos, sinalização e o cardápio do almoço são escritos em inglês. A escola ainda disponibiliza na biblioteca mais de 20 mil volumes e promove eventos relacionados à cultura americana e à língua inglesa. A convivência com pessoas de 30 países também tem efeitos benéficos sobre a aprendizagem.

Atenção ao contexto

De acordo com Elizabete, há estudos que indicam que a boa proficiência em duas línguas pode ser acompanhada por vantagens cognitivas, como flexibilidade de pensamento e intensificação no controle de atenção. Mas nem sempre isso acontece. É bom lembrar que, como em qualquer outra disciplina, cada caso é um caso.

“De maneira geral, uma conclusão é que o bilinguismo em si não prejudica o desenvolvimento da criança, ou seja, ele é totalmente viável dentro das possibilidades do ser humano. Mas é importante ficarmos atentos ao contexto e à forma como as duas línguas são inseridas na vida da criança”, comenta.

Elizabete afirma ainda que, para que os benefícios apareçam, deve haver uma valorização afetiva positiva das línguas que a criança está adquirindo. Se um dos idiomas for vivenciado como obrigação ou como algo que não tem sentido para a criança, essas tão aplaudidas vantagens podem não acontecer. “O João Pedro aprende de forma lúdica, com brincadeiras, de forma bem dosada. Ele usa a memória, associa termos com compreensão, aplica o que aprende na escola num contexto, faz relações”, conta Fernanda. A aplicação do que ele aprende na instituição em seu contexto de vida aparece, por exemplo, quando usa em suas frases nomes de animais e de frutas, como a *apple* lá do começo do texto.